

JUN 1957



W. 5

CRÓNICA
Desportiva



CARA A CARA

MODIFIQUEM-SE OS PRAZOS ELEITORAIS

NUNCA se «abusou» tanto como agora. Estamos já em pleno mês de Maio e ainda há problemas ligados às eleições de dirigentes a resolver nalguns clubes. Estes atrasos significam um autêntico atropelo ao que está superiormente estabelecido sobre o assunto, mas é também verdade que constituem um sintoma iniludível da tendência para arrastar para a «época sem futebol» a resolução destes problemas.

Vários clubes da I Divisão, entre eles os «grandes» resolveram a sua remodelação directiva só depois do campeonato terminado. E compreende-se que assim seja.

As actividades da maioria dos clubes portugueses dividem-se em ciclos que têm por base o futebol. É lógico que uma gerência leve até ao fim, em cada ciclo dessa actividade, a missão orientadora que encetou.

Remodelar os corpos gerentes dos clubes, em pleno campeonato, é mais um quebra-cabeças, a juntar a mil e um que os dirigentes exercicios têm entre mãos. Por outro lado, os resultados desportivos reflectem-se nas assembleias apaixonadas, de deste modo não apreciam os altos assuntos das suas colectividades com a serenidade devida.

O que há fazer pois no sentido de modificar este estado de coisas? É simples. Tem sido apontado mil vezes e o próprio Benfica fez já manifestar o seu ponto de vista, que é o mais generalizado, do que se deve fazer:

Fixar os exercicios de gerências de Julho a Junho do ano seguinte. Quer dizer: Reservar para os meses do defeso a remodelação directiva.

Seria tudo muito mais fácil. Os clubes poderiam fechar as suas contas mais cedo, já com as contas de campeonatos armadas, apresentariam relatórios mais concisos, os dirigentes e os sócios teriam mais tempo e predisposição para tratar de questões eleitorais, inclusive podiam julgar-se a si próprios e os outros, com mais completos pontos de referência, acerca do trabalho produzido num ciclo integral de actividade.

É certo que, hoje em dia, os dirigentes não podem descansar, seja em que época for. Se de Setembro a Maio ou Junho têm as preocupações dos campeonatos em curso, no «defeso» têm a preocupação da «pesca», como vulgarmente se define a procura de reforços para as equipas... Mas isto afigura-se-nos de somenos, perante as vantagens de ordem directa e administrativa que advêm de se fixar os períodos de gerência consoante as épocas do ano civil.

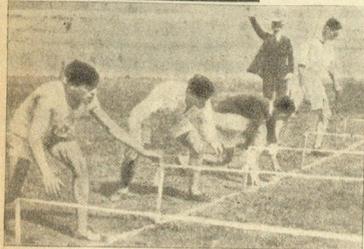
Aliás, com esta modificação de prazo, os preliminares das eleições podem efectuar-se perfeitamente por todo o mês final das gerências, ou seja em Junho. De modo que em Julho é só tratar de votar relatórios, eleger dirigentes e empossá-los. Por todo Agosto há muito tempo para firmar «contratos», além de estes podem ser precedidos por sondagens muito anteriores...

Dir-se-á ainda que o futebol não é rei absoluto, e que muitos clubes preferirão o regime actual. É possível que estejamos a ver superficialmente o problema, mas não parece existir motivo ponderável para que não vigorem dois prazos de exercicio de gerências desportivas, ao arbitrio das colectividades interessadas: um de Janeiro a Dezembro (mas para se respeitá-lo...) e outro de Julho a Junho do ano seguinte.

Isto parece-nos preferível às irregularidades que continuamente se estão a verificar nesse sentido.

Quando o nosso atletismo era ainda... "bebê"!...

Em 1910, corriam-se assim os 100 m.: os corredores partiam de pé e pistas marcadas por cordas...



Talvez não saiba, leitor amigo, que o primeiro concurso formal, de atletismo, promovido em Lisboa, realizou-se no dia 13 de Maio de 1904 por iniciativa do Lisboa Cricket Club no seu campo da Cruz Quebrada. (Local onde hoje está instalada uma fábrica de tubos e coberturas em fircimento).

O acontecimento foi muito mais mundano do que popular, como se infere das críticas da época, segundo as quais o espectáculo «concorridíssimo, verdadeira festa de verão pelas «toilettes» claras das senhoras e a decoração alegríssima de um formoso sol» foi interrompido a meio para «servir chá a toda a assistência, tocando

ALGUNS RECORDES DE ANTANHO

- 100 m. em 11 s. — Por Correia Leal (C.I.F.) em 1913.
- 200 m. em 23 s. — Armando Cortesão (C. I. F.) em 1913.
- 400 m. em 53 s. 2/5 — Armando Cortesão (C.I.F.) em 1913.
- 1.500 m. em 4 m. 23 s. 1/5 — João Chaves (S. C. P.) em 1925.
- 5.000 m. 15 m. 37 s. — Marques Graça (V. J. F. C.) em 1925.
- 10.000 m. em 35 m. 17 s. — Aquilino de Sousa, (C. I. F.) em 1913.
- 110 m. B. em 17 s. 1/5 — Prestes Salgueiros (C. I. F.) em 1914.
- 1,73 m. em altura — Costa Cabral (C. I. F.) em 1914.
- 6,58 m. em comprimento — Ápio Nunes de Almeida (S. C. P.) em 1924.
- 13,43 m. no Triplo — Ápio Nunes Almeida (S. C. P.) em 1926.
- 3,27 m. na vara — Augusto Cabeça Ramos (S. L. B.) em 1914.
- 10,92 no Peso — Pires de Castro (S. C. Porto) em 1925.

uma banda de musica diversos trechos escolhidos».

No ano seguinte, em 10 de Junho de 1905, o Campo Grande Futebol Clube, ante passad o directo do actual Sporting, promoveu no seu campo da Alameda do Lumiar (hoje, das Linhas de Torres), um festival.

em 10 de Junho de 1905, o Campo Grande Futebol Clube, ante passad o directo do actual Sporting, promoveu no seu campo da Alameda do Lumiar (hoje, das Linhas de Torres), um festival.

A assistência era reservada a convidados (só assim se pode compreender que no intervalo fosse servido aos presentes «numerosos e selectísimos», segundo rezam os prelos da época, um finíssimo lanche). Dividiu-se em duas partes, das quais a primeira foi preenchida por provas de atletismo e a segunda incluindo provas hípicas!

Eis a imagem de uma final dos 800 metros, em 1911



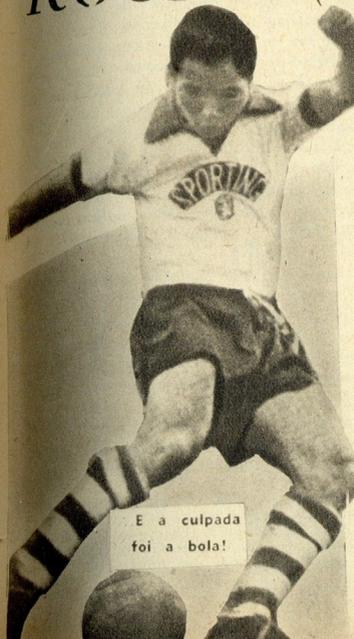
Da tristeza da separação...



...à alegria do reencontro

ROCHA (EM CHINÊS: LO-SEC)

JÁ TEM A MÃE A SEU LADO



E a culpada foi a bola!

CUSTOU-LHE imenso a separação. Mas a fama, o futebol, um futuro melhor chamavam-no para a Metrópole. Tinha dezavane anos, quase vinte. O pai morrera-lhe aos três anos e toda a afeição se concentrou naquela senhora chinesa, em extremo carinhosa, que era sua mãe. A separação foi por isso muito dolorosa. Augusto Rocha teve de ser forte, ser homem, em frente da mãe lacrimosa que se fora despedir dele, ao cais de embarque. Passaram dois anos e alguns meses.

Muita coisa mudou na vida do «pequeno Tigre» de Macau. Deixou o clube que o mandara vir, fez-se «internacional» «B», e militar, tornou-se estrela cintilante na equipa escura da Associação Académica de Coimbra.

E há poucas semanas, ao regressar da digressão aos Açores, Rocha teve uma grande surpresa, uma inefável surpresa. Sua mãe foi esperá-lo ao aeroporto — tinha chegado a Lisboa, sem ele saber.

E Rocha, o pequeno tigre (em chinês: LO-SEC — LOU-FU-CHAI) é novamente um filho feliz, para o qual o futebol, não disse ainda a última palavra.



UMA IDEIA que merece ser acarinhada

NO ano passado deslocou-se a Barcelona para disputar um jogo com a equipa da Associação dos Veteranos Espanhóis de Futebol, um grupo de antigos jogadores portugueses, quase todos internacionais.

O jogo redoundo numa belíssima jornada de confraternização e saudade, tendo os espanhóis vencido por 2-1.

A foto mostra a equipa portuguesa (que adoptou como emblema um V, que tanto pode significar Veteranos como vitória): F. Ferreira, Rafael, Manuel Marques, José do Carmo, Alberto, Espírito Santo, Canário, Albino (que jogou ainda como gente grande!), Cândido Tavares, Rebelo e Mateus.

Pois, os nossos «rapazes» vieram de Barcelona encantados com a ideia de formarem também uma Associação, com

objectivos altruístas, ao mesmo tempo que serviria para mitigar saudades do tempo que não volta. Na altura, surgiu um apelo da família do antigo jogador «Abelhinha», a viver em precárias circunstâncias, e pensou-se até em inaugurar a Associação dos Veteranos Portugueses de Futebol com um festival de beneficência a favor dos parentes do malgrado atleta «leonino».

Todavia a ideia não foi por diante. «Emperrou» ao que parece na elaboração dos estatutos e aquelas pequeninas peias burocráticas que rodeiam estas iniciativas.

É pena porque a ideia era altamente simpática. E o público — está provado! — gosta de ver jogar os antigos ídolos. Organizem um Portugal-Espanha, ou um Lisboa-Madrid em veteranos, que veremos o êxito...

Lançamos uma sugestão: todos os anos se retiram jogadores da actividade futebolística. Porque não tornam estes «novos veteranos» a iniciativa de se ligarem aos mais antigos para, da conjugação de esforços, resultar enfim a consecução das aspirações de todos?

Que diz a isto Manuel Passos, o mais representativo futebolista que este ano se transferirá para o «team» da Saudade?

SEVERIANO CORREIA

gnion, há doze anos
o ATLÉTICO à I Divisão

Em 1945, era treinador do Atlético, Severiano Correia, que foi seu técnico durante parte do campeonato desta época. Com Severiano viveu a popular colectividade dois momentos vitais da sua carreira. Há doze anos, o Atlético conquistou o Campeonato Nacional da II Divisão e no ano imediato retomou o convívio dos grandes. Foram horas de euforia e delírio que se viveram, então, em Alcântara e Santo Amaro. Esta época, menos felizes, os Atléticos depois de um «forcing» brilhante não conseguiram evitar o regresso ao lugar donde vieram há doze anos. Eis os nomes dos felizardos da hora do triunfo. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Micael, Rosário, Catinana, Armando e Marques; 2.º plano — Paiva, Baptista, Lopes I, Severiano Correia, Gregório, Lopes II e Ventura.



— «FORA OS ORIUNDOS!...»

O futebol italiano, desaparecida a fama e a «squadra azzurra» que tantos títulos de glória lhe deu, procurou desesperadamente reforços além-fronteiras. Foi a época dos suecos — que desertaram em massa do seu país, a troco de boas somas. Parece que se iniciou agora a dos ingleses, a avaliar pela transferência pela astronómica verba de 5.000 contos do britânico John Charles...

Observa-se porém que as despesas feitas com esses homens e a sua própria presença não têm apenas vantagens, uma vez que prejudicam e impedem a preparação de atletas nacionais. Aptaram-se já medidas restrictivas — tentando parar a corrente... E ficou decidido que a nova «invasão» — a dos sul-americanos — se limitasse apenas a aqueles que tivessem ascendência italiana... (Nunca as árvores genealógicas dos futebolistas do Sul do nosso mundo foram tão rebuscadas...). Isso permitiu até que — a exemplo do sucedido anos atrás — o argentino Montuori alinhe na selecção de Itália. (Em Espanha, Kubala e Di Stefano tiveram de naturalizar-se...).

Mas nem todos os «tifosos» aprovaram estas medidas... Alguns, mais impetuosos, percorreram as ruas de Berna — por ocasião do confronto com a Suíça — ostentando um letrero em que se podia ler: «Fora os oriundos!»



NA CAPA: Barbara Roscou é uma garbosa ginasta, e insinuante intérprete de um programa da Televisão. No ginásio do Instituto de Educação Física de St.º Brides, na Inglaterra, pretende demonstrar — e nós temos todos que concordar ao contemplá-la — que os exercícios de levantamentos de pesos e halteres contribuem para manter a boa forma.

DIZ QUEM SABE...



Conselhos de Cândido de Oliveira

(Continuação do número anterior)

N ESTAS condições o passe ideal é aquele que se efectua pelo chão ou a muito pequena altura do solo e executado com a parte de dentro do pé. Quando o passe é assim realizado, a bola desliza suavemente, rente ao chão, ficando quase parada na frente do jogador a que se destina. Porém, não poucas vezes o médio tem de passar com o «peito» do pé, com a parte de fora do pé, ou com a cabeça. Em todos os casos, no entanto, o segredo é o mesmo: dar uma boa trajectória à bola e colocá-la à frente do avançado, em local em que ele a possa recolher sem oposição dos adversários. Entregar a bola directamente ao avançado, sobretudo pelo ar, será dificultar a sua tarefa. O tempo que ele gasta para a controlar é mais do que suficiente para que o adversário ataque o avançado e o desarme.

médio, para desarmar o avançado que conduz a bola deve proceder do modo seguinte:

- 1.º — Ir de frente para o adversário, pronto a voltar-se para um lado ou para o outro;
- 2.º — Atacá-lo de súbito, quase de salto, não dando tempo a que ele esboce o «drible» e procurando travar a bola com a parte de dentro do pé;
- 3.º — Não tirar os olhos da bola, e procurar pressentir a intenção do adversário pelo movimento dos pés;
- 4.º — Procurar barrar-lhe a passagem, se ele conseguir passar a bola.

Se o avançado se prepara para receber a bola:

- 1.º — Antecipar-se, cortando a trajectória da bola, com a cabeça, com o corpo ou com o pé;
- 2.º — Atacar o avançado, não sendo possível a antecipação, no momento preciso em que ele esboça o movimento de a controlar, procurando nessa altura chocar-se com ele, sem violência, mas de modo a dificultar-lhe os movimentos;
- 3.º — Barrar-lhe a passagem.

Se o avançado conseguir «driblar»:

- 1.º — Sprintar e tentar alcançá-lo e, nessa altura, carregá-lo ou fazer adiantar a bola, atirando-a para fora ou passando-a a um defesa ou ao guarda-redes.

Do livro «Os Segredos de Futebol» de Cândido de Oliveira, técnico consagrado e antigo «capitão» da selecção nacional, respigamos, com a devida vénia, alguns conselhos aos jogadores que alinham no lugar de médios, em prosseguimento da transcrição publicada no número anterior.

Para desenvolver as facilidades essenciais do médio, deverá fazer o treino seguinte:

- 1.º — Corrida de meio fundo, entrecortada de «sprints»;
- 2.º — Corridas de velocidade de 8 a 10 metros, em zigue-zague, de ida e volta;
- 3.º — Saltos em altura, sem balanço, a uma bola suspensa, procurando dar a cabeçada.

*

Em muitas ocasiões, os médios laterais têm de fazer um passe «cruzado» para a asa contrária e o médio centro de passar aos pontas. Nestes casos, é quase impossível fazer o passe pelo chão, porque será interceptado. Por isso, o médio recorre ao passe pelo ar, feito com o peito do pé. Mas, ainda neste caso, o passe não deve ser feito directamente ao jogador, porque será favorecer a tarefa do adversário. A bola será enviada para a «terra de ninguém», para que o avançado corra e aí a alcance.

O processo, portanto, não pode ser enviar a bola directamente ao avançado, mas colocá-la uns 7 ou 8 metros à sua frente, em profundidade, ou em diagonal, para que ele possa libertar-se do jogador que o está marcando, batê-lo em corrida e apossar-se dela.

Allá, o passe adiantado, para a «terra de ninguém», é um meio excelente de combater o jogo de posição do adversário e, por isso, os médios devem cultivar este processo como sistema. Como regra geral, o passe deve ser feito com a parte de dentro do pé — para curtas distâncias; com o peito do pé — para maiores distâncias; com o exterior do pé, para distâncias muito curtas e para enganar o atacante, simulando que vai a passar, por exemplo, para a esquerda do pé, para a esquerda do pé e, rapidamente, passar para um jogador que está à direita com o exterior do pé.

O passe de cabeça, do médio ao avançado, é um recurso que deve utilizar-se quando não há possibilidade de dominar a bola e passá-la depois com o pé. E por dois motivos: primeiro, é difícil atirar a bola com a cabeça, dar uma direcção tão perfeita como com um pontapé.

Todavia, não poucas vezes, o médio é obrigado a passar de cabeça. Nesse caso a regra é só uma: **da cabeça do médio ao pé do avançado.** A bola desce, em trajectória rectilínea da testa do médio para os pés do avançado e, sendo possível, para a frente dele, como se disse para o passe com o pé.

CRÓNICA DESPORTIVA

Começa brevemente a publicar uma série de entrevistas sensacionais com os jogadores que andam na berlinda!



Atletismo — desporto emocionante

Se é certo que o Atletismo, apesar da boa vontade dos dirigentes e das campanhas favoráveis da crítica, ainda não atingiu no nosso País a maturidade necessária para dele fazer um desporto de multidões, tal como acontece com o hóquei, ele consegue, além fronteiras, atrair, desde há muito, assistências tão numerosas como um bom desafio de futebol, de boxe ou uma grande prova ciclista.

Onde está o segredo do Atletismo? Sem favor, na emoção de algumas das suas provas de velocidade ou de saltos.

Reparem, por exemplo, nesta maravilhosa atitude do suíço Nilsson, ao transpor 2^m,10 no salto em altura. Ou nesta chegada empolgante das 50 jardas realizada em Filadélfia, em pista de madeira coberta, durante a qual Dave Sime foi batido espectacularmente pelo negro Murchison, vencedor em 5^ª.

A mão de Murchison, que a cabeça do fotógrafo encobre, foi o principal factor que permitiu tirar dúvidas aos júris acerca do êxito de Murchison.



VOLTA AO MUNDO

No último Campeonato do Mundo de Futebol registou-se a presença de 1.054 críticos, 129 fotógrafos, e 215 locutores de Rádio e Televisão.

O Santos esteve vinte anos sem ganhar um Campeonato de Futebol de S. Paulo. Mas em 1955 retomou o caminho da vitória, repetindo a proeza em 1956.



O primeiro campeonato mundial de esgrima, para juniores, realizou-se em 1955 em Budapeste e foi ganho pela Hungria.



Embora geralmente se considere o inglês Charles Miller como introdutor do futebol no Brasil (em 1894), não falta quem argumente que, 51 anos antes, já essa modalidade era praticada nos colégios de jesuítas italianos.



A mais jovem vencedora do torneio de ténis de Wimbledon — praticamente um Campeonato do Mundo — foi Charlotte Dodd, em 1887, apenas com 15 anos!



Chega a parecer impossível — mas a verdade é que, em 1900, o famoso pugilista Bob Fitzsimmons — com 78 quilos — mandou para o «país dos sonhos», logo ao 2.º assalto, Ed Dunkharst... o qual pesava 141.500 kgs.!... (os homens não se pesam aos 78 quilos...).



120.757 pessoas assistiram, em 23 de Setembro de 1926, ao célebre combate entre Dumpsey e Turney, que se efectuou no Estádio de Filadélfia.

E, até hoje, esse número de espectadores ainda não foi igualado em provas similares.



Ademar Ferreira da Silva, campeão olímpico e recordista mundial do triplo-salto, nasceu em 29 de Setembro de 1927 na cidade de S. Paulo. Começou a praticar atletismo em Junho de 1946, com 19 anos.



A famosa esgrimista argentina Elsa Irigoyen conquistou 19 dos 20 campeonatos nacionais de florete até hoje disputados.



Maria Lenk foi a única recordista mundial de natação que, até hoje, o Brasil possuiu. Além disso, introduziu o estilo «mariposa» no seu país.



O pentatlo moderno ficou incluído nos Jogos Olímpicos desde 1912, em Estocolmo.



A organização do «Giro» de Itália mobiliza mais de 10 mil pessoas.



O ginásio do Peñarol, de Montevéidú, tem 21 mil lugares e nele se disputaram já alguns torneios de várias modalidades, que atraíram assistências excepcionais.



Jess Mortensen foi considerado o melhor técnico do atletismo dos E. U. A. em 1956.

A mais assobiada "estrela" internacional



Cremos que o académico Bentes é o detentor do recorde da mais assobiada estrela internacional do desporto português. Foi um pavor. Parecia que todo o estádio se encarnicava a assobiar o pequeno extremo esquerdo que acabara de entrar em campo. E tudo porquê? Porque Tavares da Silva resolvera substituir o «menino bonito» da selecção, Rogério Lantres de Carvalho, pelo académico Bentes.



Rogério estava a jogar benzinho, como diria um locutor brasileiro se lá estivesse. Tinha até marcado um gol. Saiu contrariado. Ele próprio julgara que Bentes entraria realmente para extremo esquerdo, mas que ele Rogério, passaria para a extrema-direita, saindo Lourenço. Era o que se tinha falado antes do jogo...

Que diabo de mosca teria mordido ao seleccionador? Só ele o poderia responder.

O certo é que o pobre Bentes, sem culpa nenhuma do sucedido entrou em campo sob uma tempestade de assobios. Já lá vão nove anos, quase — como o tempo passa! Foi no Estádio Nacional, em 16 de Junho de 1946, e o adversário, era como ficou «histórico, a Irlanda (não a do Norte, com a qual jogámos esta época, mas a outra, a maior).

Claro, que Rogério e Bentes ficaram, à mesma sendo bons amigos e camaradas. Mas aquele momento não esquecerá facilmente a ambos!

A propósito da Volta a Espanha...

JOÃO REBELO foi 2.º no Prémio da Montanha

É a terceira vez que os portugueses tomam parte na Volta à Espanha, em bicicleta. A estreia ocorreu em 1945, quando ali mandámos uma equipa de sete estradistas, seleccionados através das suas classificações e sujeitos a preparação física com um professor de ginástica, designado pela D. C. D.

Os portugueses tiveram razoável comportamento. O de João Rebelo foi, mesmo, brilhante. No Prémio da Montanha, não obstante os espanhóis serem óptimos escaladores, Rebelo obteve o 2.º lugar, atrás dos mais célebres ciclista espanhol de todos os tempos: Julian Barrero, que alguns anos mais tarde correria pelo F. C. Porto na Volta a Portugal.

Na classificação geral, Rebelo foi 5.º. João Rebelo é ainda detentor do recorde de presença na «Volta a Portugal», pois participou em dez.





Uma das equipas do Varejense em que se vêem dois jogadores do Oriental — Hélio e Carmo Duarte (de pé à esquerda).

ROTEIRO DOS CLUBES POPULARES

Fundado no “dia das mentiras”
O VAREJENSE
dezoitõ anos depois, continua
a ser uma realidade



Uma assembleia de benfiquistas? Não. Simplesmente uma parcela dos auditores da palestra de Otto Glória, treinador do Benfica...

F OI fundado em 4 de Abril de 1939. Como em o “dia das mentiras” muita gente não acreditou que a ideia vingasse. Afinal — dezoito anos são passados e o simpático clube continua a ser uma bela realidade.

Crismaram-no de Clube de Futebol Varejense. Clube de Futebol porque a ideia predominante era praticar popular desporto. Varejense porque a sede ficava situada no Alto Varejão.

Naquele tempo, o bairro não apresentava o aspecto que tem ho-

je, nem era tão populoso. O bairro cresceu mas o Varejense continuou pequenino. Não atinge talvez os 200 sócios. Como a renda da sede é relativamente barata (520\$00 mensais) o clube não experimenta, no entanto, dificuldades financeiras de maior. Contenta-se com o que tem. Jogam os varejenses futebol sem pretensões. Ou por outra, as pretensões limitam-se a passar hora e meia bem passada (quando o fôlego chega para tanto...) a ganhar as pequeninas «Taças» que se disputam nesses jogos amigáveis contra clubes similares.

E muitos troféus já conquistaram nesses renhidos desafios populares. Mas não só futebol praticam os varejenses. Há, entre eles bons corredores. Armando Espadinha, Carlos Robalo, o Joel. Foram segundos no recente circuito de Cascais.

Nas provas populares do Bairro de Inglaterra marcaram também boa presença.

É claro, o modesto Varejense não possui pistas de atletismo. As pistas de treino são... as ruas e avenidas — uma volta até ao aeroporto de Sacavém, por exemplo... tiveram Fernando Fonseca, Em Pingue-pongue, tiveram Fernando Fonseca, que está agora fazendo carreira notória no Benfica.

Num desafio de aniversário, entre «varejenses» solteiros e casados, os capitães foram Manuel Cerejeira e Fernando Valente, e o árbitro Lorenzo Auzino, respectivamente presidente, director-sectionista e treinador do Oriental.



Num desafio de aniversário, entre «varejenses» solteiros e casados, os capitães foram Manuel Cerejeira e Fernando Valente, e o árbitro Lorenzo Auzino, respectivamente presidente, director-sectionista e treinador do Oriental.

Otto Glória «posa» entre Vitor do Carmo, presidente do Varejense e os atletas.

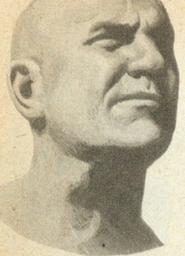


O presidente da Junta de Freguesia do Bairro Lopes cortando a simbólica para inauguração da biblioteca.



ARBITROS DOS ESCANDALOS

Quer ser treinador... e selecionador



TODOS quantos conhecem razoavelmente o futebol brasileiro, não desconfiam a personalidade vigorosa e sempre discutida do árbitro Mário Viana.

Com justiça considerado o número 1 do seu país, foi indicado para dirigir encontros do Campeonato Mundial, na Suíça. As suas actuações mereceram palmas elogiosas. Mas veio o celeberrimo Brasil Hungria, e Mário Viana, indignado com a actuação do juiz de partida, fez publicamente afirmações que a F. I. F. A. considerou ofensivas. Isso valeu-lhe a proibição de apitar desafios internacionais. De regresso ao Brasil, porém, voltou a dirigir jogos de campeonatos — sempre com o mesmo êxito.

Está, no entanto, escrito que à volta do seu nome — terá sempre de haver agitação e polémica... A recente digressão dos húngaros do Honved ao Brasil e à América do Sul, tornou a trazê-lo para as primeiras páginas dos jornais ou para os programas radiofónicos. É que, accedendo ao convite do Flamengo, Mário Viana arbitrou todos os jogos do «onze» de Puskas. A C. B. D. não gostou — e suspendeu-o...

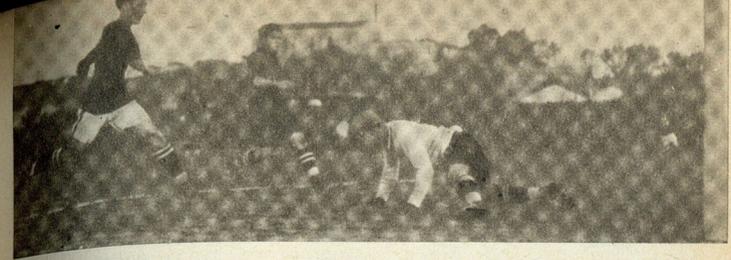
Corre que, Mário Viana pensa em abandonar a

arbitragem, e gostaria de enveredar pela carreira de treinador. Não lhe faltam predicados pessoais, na competência técnica, e preparação intelectual.

Sabe transmitir com brilho ideias e planos.

No princípio da temporada, constatou que alguns clubes do Rio, entre os quais o América, o haviam abordado, no que foram imitados por outros de S. Paulo.

Ausente Flávio Costa — diz-se — gostaria de se candidatar ao espinhoso cargo de responsável pela turma concorrente ao próximo «Mundial» da Suécia... E Mário Viana pareceu dar razão a estes boatos, ao preconizar publicamente uma série de reformas nos métodos da preparação da equipa do país. O seu desejo é acabar com os «super-homeqs» — e dar atenção aos novos mais prometedores... Fala com entusiasmo... Argumenta... «Está a fazer-se» ao lugar, em suma!



O célebre golo que Jaime Gonçalves marcou a Ricardo Zamora.

“EL GRAN ZAMORA” não defendeu... por o remate ser mau!



“COMPRADO” POR 2.00 cruzeiros E “REVENDIDO” POR 6 milhões e meio!

ÉSTE é o futebolista brasileiro Luís Vinicius de Meneses — vulgarmente conhecido por Vinicius — há meses «comprado» ao Botafogo, do Rio de Janeiro, pelo Nápoles. A transferência custou «apenas» seis milhões e meio de cruzeiros (cinco para o clube e um e meio para o jogador), e o atleta sul-americano tem agrada-

do. O mais curioso, porém, é que Vinicius foi descoberto há anos no «Sete de Setembro», de Minas Gerais — a quem o Botafogo teve de entregar apenas 2 mil cruzeiros! O que mostra como os bons jogadores se valorizaram nos últimos tempos!...

Já lá vai um bom par de anos. No estádio do Mundial, onde está agora o majestoso «Alvalade», disputou-se o 2.º Portugal-Espanha, de futebol.

Nas redes de Espanha estava Ricardo Zamora, o rei dos «keepers», com a sua «mascote», que teve o cuidado de prender nas malhas da sua baliza.

E o desafio começou. E os portugueses ameaçaram seriamente os seus fortes adversários até que surgiu o momento culminante. Alberto Rio, o jogador da boina «espanhola», correu pela esquerda, levando a bola até à linha da cabeceira. Controu de aí. Lancado em corrida, Jaime Gonçalves apanhou o esférico a jeito e colou-o às redes de Zamora.

Delírio! Mais tarde, «el gran Ricardo» diria que Jaime Gonçalves o batera... porque rematara mal. Abençoado «mau remate!...»

Esta semana fazem anos...

Esta semana festejam o aniversário natalício alguns jogadores da I Divisão e finalistas da II, entre os quais dois «internacionais»: Emídio Graça e Miguel Arcanjo.

Amanhã, fazem anos Arcanjo e «Rola». O primeiro nasceu em Nova Lisboa, em 13 de Maio de 1932, pelo que comemora o 25.º aniversário. Representa desde 1951-52 o F. C. Porto e é internacional «B» e militar.

«Rola» chama-se realmente Joaquim Tavares Guimomar e nasceu em Beduido (Estarreja) em 13

de Maio de 1927. Entra na casa dos 30, pais... Os seus clubes foram: 1946-47 a 49 — C. D. Estarreja; 49-50 a 53 — Sporting; 53-54 em diante. V. Guimarães.

Outro jogador «vimezanense» que faz anos esta semana (na terça-feira), é o guarda-redes Silva — que festeja igualmente o 30.º aniversário. António Conceição Silva é natural de Barcelos, onde veio ao mundo em 14 de Maio, de 1927. Representou o clube da sua terra — o Gil Vicente F. C. — de 1945-46 a 49, e desde aí o Vitória de Guimarães.



Conte-nos esta anedota

DADA a aproximação da final da «Taça de Portugal», para assistir à qual temos instituído, como prémio, bancadas centrais aos vencedores, concluímos neste número os concursos de anedotas desportivas que temos vindo a organizar.

O prazo para entrega das legendas correspondentes ao desenho que publicamos, a ideia pelos nossos leitores que desejem manifestar o seu bom humor, termina impreterivelmente no dia 25.

Como temos recomendado é indispensável a indicação do nome e morada. As três melhores anedotas serão premiadas com bilhetes para bancada central para a final da «Taça de Portugal» marcada para 2 de Junho próximo. Todas as anedotas que forem publicadas serão ainda premiadas com livros da editorial da AGENCIA PORTUGUESA DE REVISTAS.



primeira equipa nacional de HÓQUEI EM PATINS



E STAVA-SE em 1930, e pela primeira vez Portugal atreveu-se a lançar-se no que, ao tempo, mais não era do que uma aventura. Disputava-se em Herne-Bay, na Inglaterra, o campeonato da Europa de hóquei em patins — e «os nossos» meteram-se a caminho. Não foram muito felizes, não!

«Aquilo» para eles novatos naquelas andanças — meteu-lhes uma confusão diabólica. No entanto os conhecimentos adquiridos foram muitos. E, mais tarde... Bem, todos nós sabemos quem veio a colher o melhor da sementeira: os Emílios, os Correias, os Serpas, o Lisboa, etc., etc..

Eis os nomes dos pioneiros da nossa selecção: Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Leonel Costa (actual seleccionador da equipa nacional), José Carlos e Germano Magalhães. De pé: António Adão, Fernando Adrião e José Prazeres.

Resultado do 1.º concurso

Das anedotas que recebemos para o primeiro concurso escolhemos pela graça ou originalidade, as três seguintes:

* * *

— Quais os remates que mais gosta de defender?

— Os de «penalty».

— Porquê?

— Nem sequer me mexo...

(João Américo Melo Costa — Lisboa)

* * *

— Qual o melhor treinador que tem tido?

— Sem querer melindrar ninguém, foi o «Francis — o macho que fala...»

(António E. Galveias — Nazaré)

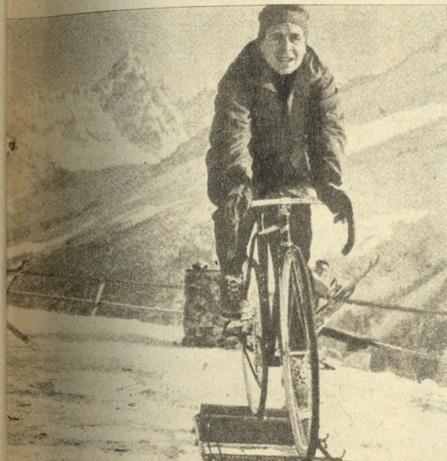
* * *

— Qual o adversário que mais teme?

— A minha sogra tem uns pontapés terríveis...

(João Francisco Bonança — Olhão)

* * *

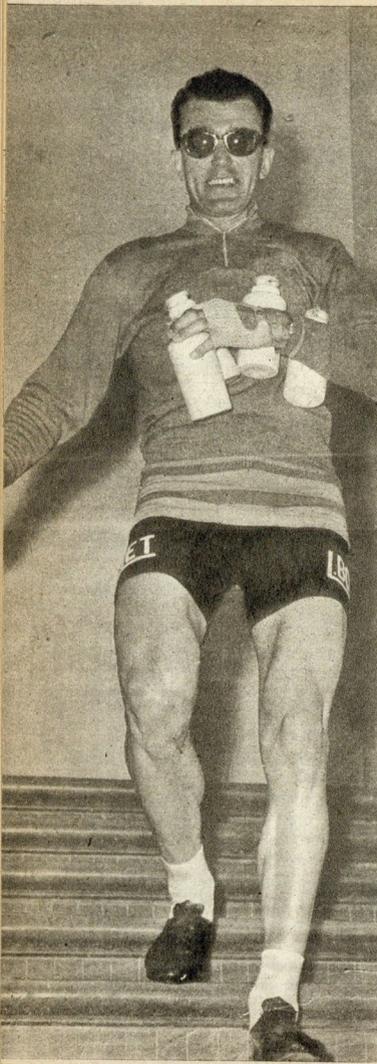


Treino na MONTANHA

Roger Gagnard, campeão de França, profissional de velocidade está actualmente a seguir uma cura de oxigenação a 2 mil metros de altitude, sobre o planalto da Flégère, no maciço do Monte Branco.

Para não perder a forma, ao mesmo tempo que purifica os pulmões, Gagnard vai-se treinando, servindo-se habilidosa e inteligentemente deste «home-trainers», que consiste nuns rolos assentes sobre esquis e permitem pedalar sem receio de queda ou do enterramento da máquina na neve.

Aos três leitores citados enviámos já os livros com que foram premiados e oportunamente mandaremos os bilhetes de bancada central para a final da «Taça de Portugal».



Louison Bobet

ÁS DO PEDAL E UM CHEFE DE FAMÍLIA

DAS actuais figuras gradas do porto mundial, Louison Bobet, dos mais extraordinários ciclistas de todos os tempos, é sem dúvida dos gozados de maior popularidade.

Grande na estrada como na pista, moso, idolatrado pelas multidões, Louison Bobet tem sabido sempre conservar-se modesto e simples, constituindo, assim, exemplo para grande número de atletas, que, não tendo sequer atingido nunca a craveira de Bobet, se comportam de maneira a não merecerem das massas a consideração que lhes deveria ser dispensada.

Louison é, felizmente, um caso à parte no desporto. Bom camarada, mesmo perante os seus maiores rivais, o bretão é ainda um bom filho, um bom irmão, um bom marido e o melhor dos pais, no caso mesmo de seus filhos, a pequena Marie e o pequeno Philippe.

Já campeão do Mundo e vencedor da «Volta à França» três anos seguidos que constitui um «record» certamente difícil de igualar, Louison Bobet, que por duas vezes actuou em Lisboa, conquistando o nosso público, prepara-se para de novo, chamar a si tão almejado triunfo.

E é no doce ambiente do seu lar, onde reina a paz e a felicidade, que Louison, junto da esposa, a gentil Christiane e dos filhos, prepara a sua campanha velocipédica para o ano corrente.

A França confia nele e tudo indica que Louison Bobet será este ano ainda, no «Tour», o homem a bater!...



No seu «atelier», Bobet, como um campeão que se preza prepara a sua máquina. E no dia da prova tudo estará em ordem.

OS AMORES DE BOBET



Louison Bobet tem pela esposa, a gentil e inteligente Christiane, independentemente do seu muito amor, profunda admiração. Dela costuma o grande campeão dizer: «Christiane é não sòmente a minha mulher e a mãe dos meus filhos, mas ainda o meu próprio cérebro — a minha conselheira!»



Philippe voltou da escola. Seu pai recebe-o com alegria. Ele é mais endiabrado do que a irmã, mas tão gentil como ela. Em baixo: Boa aluna, doce e meiga, Maryse é a primeira a felicitar o pai pelos seus êxitos velocipédicos.





Duas surpresas numa jornada inesquecível do Campeonato do... "pirolito"

Foi uma jornada de emoção e arrastante para os cardíacos, aquela que se disputou em Maio de 1948 e que viria a ficar célebre na história dos «Nacionais» de futebol.

Sporting e Benfica marchavam a par no comando do campeonato nacional, cada um com 39 pontos. Nesse dia os «Leões» destacaram-se a Setúbal e os «Águias» recebiam no seu campo a visita do «Elvas». Jornada ingrata, difficilima para os verdes. Tarde facilitada para os encarnados — pensou-se então. O certo é que o futebol fez das suas...

Em Setúbal, o Sporting baqueou por 1-0 e, no Campo Grande, o Benfica não foi mais feliz perdendo por 2-1. A resolução final ficou para a última jornada, disputada no domingo seguinte, mas então já os «Leões» não se deixaram surpreender e acabaram por triunfar somando 41 pontos, assim como o Benfica.

O campeonato foi resolvido mediante desempate pelo «goal-average». O Sporting tinha um golo à maior, pelo que venceu, e deu origem a que se crismasse popularmente esse torneio de... campeonato do golo de «pirolito»...

Eis duas imagens desses relembrados embates!

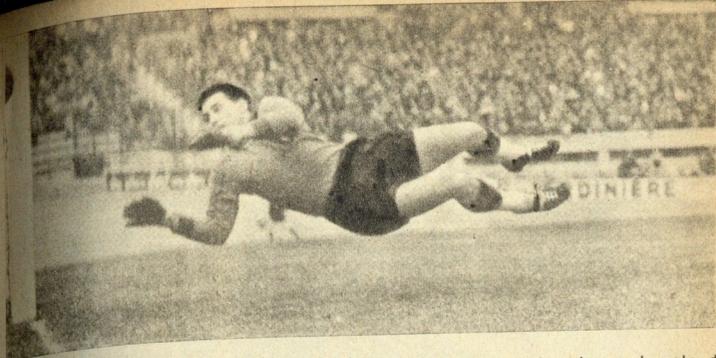
Na primeira, o «esforçado» Chico integrado no ataque tenta a derradeira «chance», mas os elvenses formam uma barreira diabólicamente imtransponível.

Na outra imagem, do encontro de Setúbal, vê-se Jesus Correia e o «guardião» Baptista, este a ser estorvado por um próprio colega.

As corridas de «seis dias» em bicicleta proporcionam cenas bastante animadas, e muitas mesmo desusadas. Enquanto uns concorrentes esforçam na pista, outros repousam, comem, dormem, ou, até, ouvem as actuações de diversas «estrelas» famosas, que se exibem para entreterem quem assiste...

E há também aqueles que preferem aproveitar uns minutos de tréguas para fazerem barba — talvez para ficarem mais leves...

Repare-se, ainda, na estranha posição de descanso adoptada pelo ciclista de segundo plano.



FENÓMENO DE LEVITAÇÃO...

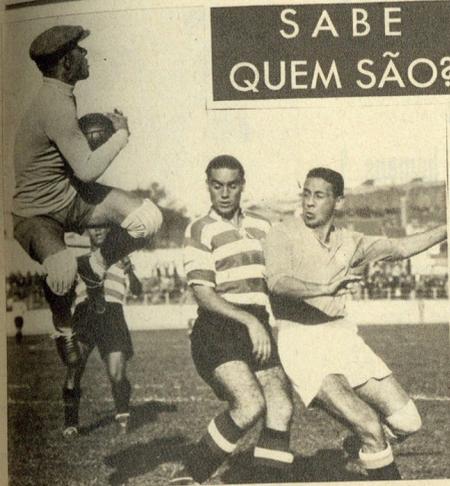
Pois não parece que este guarda-redes se levanta do solo por mágico fenómeno de levitação? Trata-se, na realidade, de um bom «instantâneo» fotográfico, colhido num jogo da selecção B de Itália. O guarda-redes Baudini viu a bola passar por ele como uma seta, estirou-se todo para trás mas já não foi a tempo... Mas valeu a pena o seu esforço, só pela beleza da imagem — mais um documento de quanto é espectacular e belo o futebol.

SABE QUEM SÃO?

A obra do tempo...

Não os reconhecerá ao primeiro relance, decerto.

O guarda-redes estrea-se essa época no Sporting e mais tarde viria a causar furor. Sim, é o jovem João Azevedo, que foi dos maiores de sempre no futebol nacional! O defesa que o protege é Galvão que mais tarde transitaria para o Benfica, e foi dos bons valores do nosso futebol. Finalmente o avançado que trava a marcha foi um dos maiores «jungleurs» do país das pampas. Trata-se do famoso Scopelli que se notabilizou como treinador, cargo que hoje desempenha no Celta de Vigo, vindo do Sporting — seu adversário na imagem que reproduzimos.



O Barbeiro do Velódromo





ESTÁDIO ou praça de toiros?

Mas que estádio tão esquisito! — dirá porventura o leitor, estranhando a forma circular das arquibancadas e quadrangular do campo de jogo. E até aventará que se trata de uma praça de toiros...

Não, trata-se realmente de um estádio, mas próprio para «basebol» — uma das modalidades que nos Estados Unidos rivaliza com o «football-rugby», atletismo ou boxe. É o estádio Municipal de Cleveland, em Ohio, em dia de gala, pois está

que comporta mais de 80.000 pessoas, fotografado de avião, em dia de gala, pois está repleto de multidão vibrante e apaixonada.

O «basebol», exceptuando-se a Inglaterra quase não é conhecido na Europa.

OS IDOLOS DO PASSADO

e os seus pequenos ídolos

(que hoje são já homens...)

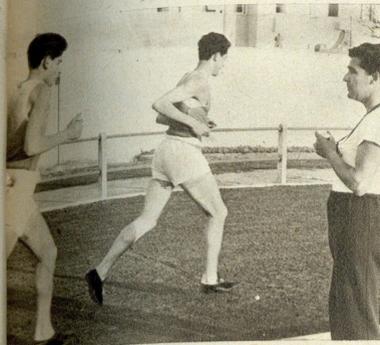


Não sabemos se alguns dos pequenos «fans» que se vêm nas fotos, solicitando autógrafos a dois «ídolos» folhearão hoje o magazine. Se tal fizerem, terão uma grata surpresa. Sorrirão, talvez, sobretudo aquele que está servindo de secretária... Porque estas fotos já têm uma boa dúzia de anos — e os pequenos figurantes são hoje já homens feitos. Provavelmente continuaram sendo pela vida fora fervorosos adeptos do desporto. Terão elegido novos «ídolos». Ao Peiroteio terão sucedido Pompeu ou Gabriel... A Comes da Costa, o Hernâni certamente... Ou talvez os «ídolos» continuem a ser aqueles, numa eleição que resiste ao tempo...

Que sabemos nós da alma dos entusiastas do futebol?

TERMO COMPARATIVO CURIOSO

Os amadores portugueses também treinam...



Um treino de atletismo no campo do Benfica, «cronometrado» pelo professor Fernando Ferreira.

Quando se discute sobre amadorismo e profissionalismo, no desporto, é sabido que vem logo à baila o tempo de que uns e outros dispõem para treinar. Por outro lado, é muito frequente, após uma competição desairosa com estrangeiros, versar-se o tema de que o português não dedica, à sua preparação, o tempo indispensável, preferindo a vida sedentária ao trabalho no estádio ou no ginásio.

Ora isto já quase não tem razão de ser, porquanto aquilo que há anos atrás era uma excepção, hoje tornou-se uma regra na maioria das equipas e atletas portugueses. Mesmo em comparação com o futebol poder-se-á afirmar que os praticantes desportivos das outras modalidades, apesar de amadores, também treinam e muito.

Isa meia dúzia de exemplos, tomando como termo de comparação a maioria das turmas do primeiro plano que se treinam em média quatro vezes por semana em períodos que pouco ultrapassam as duas horas (oito horas semanais).

Equipa de voleibol do Sporting: 4 sessões de 2 horas o que perfaz 8 horas.

COMO TREINAM OS PROFISSIONAIS INGLESES

Isa aspecto de preparação em alguns clubes na Inglaterra. Os jogadores do Leyton Orient, Mike Burgess, Leslie Blizzard e Johnny Harper executam este exercício, que consiste em passar sob diversas barreiras de cordas sem perder o domínio das bolas, que passam uns aos outros. Consideram este treino ideal para a pré-preparação da época de futebol, por favorecer a descontração dos músculos e a agilidade.



Igual equipa do Benfica: 3 sessões de 2,30 horas (7 horas e meia). Alguns dos seus jogadores efectuam além disso mais uma sessão semanal destinada a aperfeiçoamento técnico e físico.

No que se refere a atletas (e note-se que não falamos nos nomes de Araújo, Faria, etc., considerados para o nosso meio, como super-campeões, vejamos a actividade semanal de alguns deles:

Do Sporting: seis vezes por semana em períodos de duas horas — António Natálio, Albino Neves, Armando Chaves; quatro vezes por semana: Valente Baptista e João Encarnação.

Do Benfica: seis sessões semanais — Helder Marinheiro, Francisco Azevedo e Tavares de Jesus; quatro sessões — Abel Rebelo e Ramiro Filipe.

Como se vê os amadores também consagram bastante tempo à sua preparação.



As camisolas numeradas do Oriental no dia da estreia.



A nadadora e o seu admirador inválido

Nos nossos campos de futebol é vulgar verem-se cadeiras rolantes transportando inválidos, que são entusiastas daquele jogo. Para o pequeno Michael Down, a natação é o desporto favorito.

Tem onze anos e o terrível mal, que é a paralisia, atormenta-o desde muito pequeno, tirando-lhe qualquer possibilidade de poder praticar o seu desporto favorito. Em cada nadador que o conhece tem um amigo.

Na presença da nadadora norte-americana Margaret Edwards, o jovem Michael deixa ver no seu rosto a tristeza que lhe vai na alma.

AS INOVAÇÕES DO ORIENTAL...

Tem sido referido várias vezes que o Oriental foi a primeira equipa portuguesa do futebol a usar algarismos nas camisolas.

O que talvez o leitor não saiba é que, segundo todas as probabilidades, foi também o Oriental que pela primeira vez usou numeração romana, inovação verificada em Maio de 1955, na turma de andebol.

Para cúmulo da originalidade até uma de um seu jogador apresentou uma vez um algarismo na camisola do médio esquerdo que ninguém entendeu. Tratava-se do nº 13 cosido ao contrário na camisola, lapso que só se notou quando já não podia ser emendado...

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Não é difícil reconhecê-los. Faia, Hernâni, Galaz, José Pedro, Gonçalves, Barbosa, Palmeiro, Ulisses, Carlos Gomes, André e Abreu. Uma equipa histórica. Porquê? Que jogo disputou e qual o resultado? Veja as respostas na página 30.

Nunca jogou em Portugal mas foi cá que fracturou o menisco

A fractura do menisco é a maior praga que aflige os jogadores de futebol. Até mesmo quando não jogam — como foi o caso do chileno Mascaró, que já há algum tempo se encontra em Portugal.

Mascaró veio do Brasil (onde alinhou no Botafogo e tirou o curso de treinador) para o nosso país um tanto à aventura mais a pensar em ser treinador do que jogador. Assim, ingressando no Oriental como guarda-redes, não chegou a alinhar; mas enquanto esteve naquele clube treinou os «miúdos» do clube. Esteve depois um tempo inactivo — e foi numa sessão de treino, nas Salésias, somente com o objectivo de manter a «forma», que lhe sucedeu um percalço involuntário naquelas circunstâncias. Uma simples rotação do corpo, com o pé mal assente — e foi o bastante para sentir um estalido, uma dor, e a certeza, de que algo de mau lhe sucedera no joelho.

Fractura do menisco — foi o diagnóstico do dr. Silva Rocha, médico do Belenenses, e que depois o operou.

Mascaró esteve depois como treinador e guarda-redes suplente, mas nunca chegou a alinhar. Está agora também como técnico no Marrazes — clube de Leiria que disputou a III Divisão — e já deu por terminada a sua carreira de jogador.

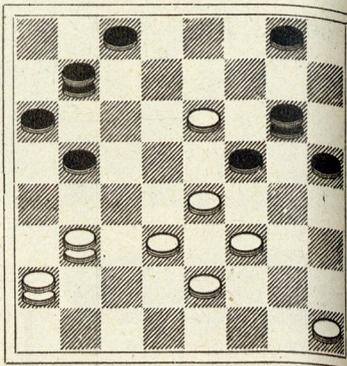
Um pormenor curioso, que poucos conhecem: Mascaró e o treinador do Belenenses foram colegas de equipa, no «Universidade Católica», um dos principais clubes chilenos. Mascaró era guarda-redes e Riera interior — e grande jogador, na opinião daquele seu compatriota.





Damas

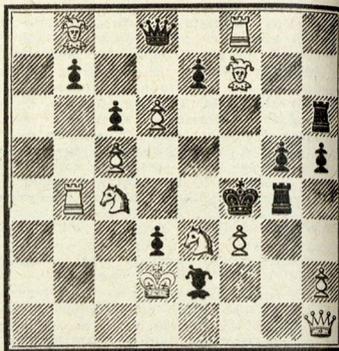
ARNALDO DAS FLORES RAPOSO
BEJA



Jogam as brancas e ganham

Xadrez

C. MATHOT



Mate em 2 lances

VÍTOR GONÇALVES

O atleta que, ressentido, não queria ser o capitão da selecção nacional



No dia 18 de Dezembro de 1921, Portugal fez o seu baptismo internacional. Em Madrid, defrontou a Espanha, já então grande potência do futebol. A formação do «team» nacional levantou celeuma, grossa discussão. Só na véspera do encontro, se escolheu o médio centro: Vitor Gonçalves, do Benfica. Na manhã de sábado, o jogador à última hora designado, embarcou, para chegar à cidade de Manzanares cinco horas antes do encontro começar! Teceu-se evidentemente, o pior, com mais de 24 horas de viagem. Vitor Gonçalves não podia dar o rendimento desejado. Mas o brioso jogador, calmo, sereno, com a consciência do seu próprio valor, exibiu-se «colossalmente». Foi o melhor homem em campo e, no entanto pisaram o terreno de Vallecas valores como Samitier, Alcántara, Jorge Vieira, Zamora, Meana...

Vitor Gonçalves, que substituiu no Benfica o lendário Carlos Sobral, foi guiado pela mão firme de Cosme Damião. De tal modo que, ao formar-se o Casa Pia A. C., originando a saída de Cândido de Oliveira dos «encarnados» a escolha

do novo «capitão» recaiu em Vitor Gonçalves. No 2.º Portugal-Espanha, houve novamente dúvidas em ser seleccionado. O C. T. da Federação estava renitente, mas acabou por nomear Vitor Gonçalves médio centro e «capitão». Vitor, porém, não queria aceitar o cargo de «capitão», sentindo-se magoado e sem moral. Houve que fazer uma reunião dos jogadores. Aí, Vitor indicou Jorge Vieira para capitanear o «team». Mas, tão nobre como ele, o Sportingista recusou, dizendo: — Vitor Gonçalves deve ser o capitão!

Todos concordaram. O jogador do S. L. B. era calmo, de uma serenidade e confiança espantosas. Acreditava sempre na vitória da sua equipa. Era um elemento que normalmente interceptava o jogo em vez de despachar a bola e tinha uma segurança enorme, invulgar, na entrega do esférico aos avançados. Preparou-se sempre com esmero e persistência. Ainda ho-

je, ao vê-lo passar direito, tranquilo, se sente em Vitor Gonçalves um homem que no desporto soube encontrar a força física e moral.

É, sem dúvida, uma das grandes figuras do futebol português.

BOAS PERNAS...

Houve tempo em que as boas pernas eram apátnio exclusivo das mulheres. Com o incremento da bola e a ucharia dos contratos como profissionais desse jogo, as boas pernas tornaram-se extensivas ao sexo barbaudo. Um moço com boas pernas ganha mais do que um professor cate-drático ou um general de divisão.

(Rocha Júnior, em «Diário de Lisboa»)

18 anos sem falar a um jogo!

O guarda-redes José Saldumbere, do Racing de War del Plata (Argentina) possui um recorde quase impossível de igualar: de 1938 até meados de 1956 actuara em 330 partidas consecutivas! Com 39 anos, ocupava também o cargo de tesoureiro do clube e de «capitão» da equipa.

PALAVRAS CRUZADAS

✱	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

HORIZONTAIS: — 1 — Jogador do Lusitano; Vestuário amplo sem mangas. 2 — Além; ovário dos peixes; casa. 3 — Caminhavas; «internacional» de futebol. 4 — Quantidade. 5 — Prep.; campeões. 6 — Ligei; actuei; magoa. 7 — Pron. pess. pl.; art. pl. 8 — Passado. 9 — Jogadores do Belenenses e do Salgueiros. 10 — Base aérea; dialecto românico; caminhavas. 11 — Invulgar; Jogador do V. Guimarães.

VERTICAIS: — 1 — Jogador do Barrense; paixão. 2 — Fileria; nome de letra; liga. 3 — Rio de Portugal; soldado. 4 — Nome de mulher. 5 — Art. pl.; antigo «internacional» do Boavista. 6 — Passaro, aqui está. 7 — Peixe, povoação do concelho de Oliveira de Azeméis. 8 — Prep. art. pl. 9 — Jogador do Benfica; parente. 10 — Progenitor; isolados; árvore cuja casca aromatiza o vinho. 11 — Espingarda; treinador de futebol das Forças Aéreas.

Ganhavam a percentagem

na receita dos jogos os jogadores do Boavista!

É verdade, e bem curiosa. Houve tempo em que os jogadores do Boavista ganhavam consoante a receita dos respectivos jogos. Não tinham ordenado nem prémios. Deduzidos os encargos de organização dos desafios, as receitas revertiam totalmente para os atletas. Quando havia muito público, era certo que a satisfação dos jogadores era maior. Ganhavam mais... O pior era quando as bancadas (dos espectadores pagantes...) se apresentavam vazias...

O lucro do clube estava apenas na cotação.

A título de curiosidade apresentamos alguns números



A equipa do Boavista que disputou o campeonato da I Divisão de 1945, e na qual figuram muitos elementos que jogaram «à percentagem», entre os quais Fernando Caiado, actual «capitão» do Benfica (penúltimo dos ajoelhados).

referentes ao campeonato desta época. Partindo-se do princípio que há que pagar em cada clube, a 20 jogadores, durante dez meses (fora o defeso, aliás compensado pela receita de

Uso que receberia
os clubes da I Divisão
pagassem aos seus
jogadores consoante
as receitas?

jogos extra-campeonato) vemos quanto receberia cada futebolista por mês em média:

Benfica	6.970\$00
Sporting	6.540\$00
F. C. Porto	5.750\$00
Belenenses	5.140\$00
Académica	3.350\$00
Lusitano	1.430\$00
Oriental	1.380\$00
Torriense	1.350\$00
Atlético	1.330\$00
V. Setúbal	1.220\$00
Caldas	1.120\$00
Barreirense	990\$00
Sp. Covilhã	630\$00
Cuf	520\$00

Por aqui se vê que o Boavista, afinal, não fazia mau negócio. A não ser os quatro primeiros, que não chegam a ganhar tanto, salvo em casos especiais, e à parte a Académica, onde não há ordenados, nos restantes clubes pagava-se muito mais do que se recebe!

Uma surpresa para o leitor, não?!

É um novo gigante do basquetebol — nada menos de 2,35 m. Trata-se do russo Akthálv, um homem descomunal, como pode ver-se na gravura. Os outros jogadores junto dele mais parecem pigmeus — e no entanto são atletas dotados de estatura ideal para o popular jogo de cesto. O da direita mede 1,90 m. Mas que podem estes jogadores fazer diante de adversários desta natureza que, sem saltar, elevam a bola a 3,05 metros do solo?

**SALTAR,
PARA
QUÊ ?!**



Temos a impressão de que, com o rodar dos tempos ainda veremos o basquetebol dividido em duas categorias — medianos e gigantes...

Se o aparecimento destes fenómenos se tornar mais frequente, por certo que as coisas hão-de mudar de figura... E então talvez ainda vejamos campeonatos para equipas até 2 metros de altura e outras competições para jogadores que ultrapassem aquele limite. Nesta hipótese é de crer que as tabelas serão colocadas a uma altura superior.



*Um caso único
no ciclismo
nacional:*

JOÃO LOURENÇO
*foi no mesmo ano
quatro vezes campeão!*

N^O ciclismo nacional a figura de João Lourenço, do Sporting, é inconfundível. Tendo vindo do Norte de África, onde começou a sua carreira, Lourenço depressa se impôs como elemento de grande valia. Dispunha de todos os atributos para se distinguir, desde a inteligência com que corria à extraordinária ponta final em que era quase imbatível.

Lourenço, agora em África, cometeu a maior proeza de sempre no ciclismo lusitano. Na mesma época foi quatro vezes campeão: de fundo, regional e nacional; de velocidade, regional e nacional.

Na «Volta» teve pouca felicidade. No ano em que seguia em melhor posição (2.º) uma queda desastrosa, em Monção, obrigou-o a desistir.

Ao abandonar a actividade, já lá vai um bom par de anos, deixou um rasto profundo de simpatia.



No regresso da América do Sul, com muitos troféus... e bigode.

NO princípio de cada época é vulgar ler-se nos jornais desportivos: «Está aberta a inscrição no clube tal, de sócios e simpáticos que queiram representá-lo, etc., etc.».

O «Chico» Calado leu uma local destas, referente ao seu clube — o Benfica — e inscreveu-se. Tinha 16 anos. Tem agora 30 — é fácil fazer as contas. Há catorze anos já que Francisco Calado serve distintamente o Benfica.

Não têm segredos para ele as equipas «encarnadas», seja a de juniores, reserva ou honra. Em cada uma ofereceu um pouco de si próprio, do seu esforço generoso da sua inteligência, do seu saber, da sua alma benfiquista. Já passou por todos os lugares — a extremo e interior direito nos juniores; médio, defesa nos três postos clássicos, avançado-centro na reserva e no Brasil até à ponta-esquerda.

Sto album de Francisco Calado

Sub-campeão de popularidade no Benfica

«Pau para toda a obra» — é o que se costuma chamar a estes jogadores. Para o «Chico» Calado não há lugares fixos. Há só que «jogar», seja onde for. Até a guarda-redes — o que não seria a primeira vez...

De volta e meia está caído na «reserva» mas a vontade não falece. Já está habituado desde o princípio da sua carreira.

Com efeito, Calado saiu dos juniores — ao tempo, uma equipa famosa, campeã nacional — e logo se profetizou bom futuro a meia dúzia de rapazes, entre os quais o jovem e couraço «Chico» Calado. Realmente, algum tempo depois, viu-se elevado à 1.ª categoria. Passagem efêmera. Magoou-se, voltou à «reserva», tornou ao pimeiro «team», baixou depois, e tem andado nisto.

Num festival desportivo no Pavilhão, os jogadores de futebol transformaram-se em basquetebolistas e o caso foi falado. Reconhecem-se: Calado, Águas, Bastos, Costa Pereira, Pegado, Naldo e Ângelo.



A DIREITA: — Calado joga assim...
A direita, em baixo: — No Brasil, confraternizando com o consagrado cançonetista carioca Luis Gonzaga.



É sócio de mérito do Benfica (o n.º 210) por ser associado há (ou não) menos dez anos, mas é-o pelo menos moral, por tanta dedicação. E que esta não passa despercebida à massa associativa do clube, di-lo a resultado do concurso de popularidade promovido no Benfica: 1.º — Águas, o rei dos marcadores; 2.º — Calado.

Perguntámos-lhe, quando escolhíamos as fotos do seu álbum para figurarem nas nossas páginas:

— A que atribui a sua classificação no concurso de popularidade?

Respondeu-nos, depois de certa hesitação:

— Bem, não há dúvida que tenho muito amor ao Benfica e tenho defendido a sua camisola com a maior dedicação. Talvez seja por isso



que tantos benfiquistas votaram em mim.

E a sorrir, acrescentou:

— Para um jogador da «reserva» é muita honrosa tal distinção...

— Ora, você é um «titular» que às vezes tem de ir dar uma ajuda e o exemplo aos rapazinhos da reserva... — retorquimos no mesmo tom. E inquirimos, para finalizar:

— Até quando espera jogar?

— Se me deixarem, jogarei mais duas épocas.



Jantar na Feira Popular com o colega Mário Rui, respectivas esposas e filhinas do último. Mário Rui foi duas vezes colega de clube e sempre no emprego — o estabelecimento de câmbios do ex-presidente do Benfica, Sr. Joaquim Bogalho.

TEM O BOXE UMA ORIGEM HUMANITÁRIA?

SEGUNDO uma lenda italiana, o boxe teria tido uma origem nobre, humanitária mesmo. Inclusive, aponta-se S. Bernardino como seu patrono.

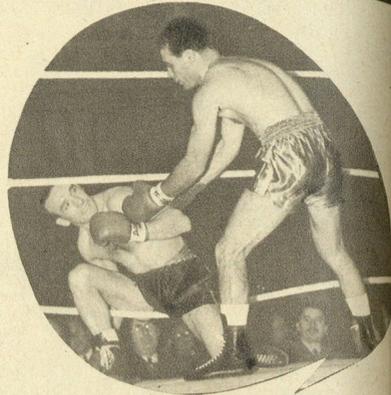
É verdade que o pugilismo remonta ao tempo dos jogos da Antiga Grécia. Mas assemelhava-se mais à «luta livre» do que ao verdadeiro boxe. Ora, reza a lenda italiana que foi o prior de Siena, cujo nome foi beatificado mais tarde como S. Bernardino, que redigiu as primitivas regras do boxe, como seja: proibido o emprego dos pés; proibido socar abaixo da cintura; logo que um dos praticantes se mostrasse nitidamente inferior, a pugna seria suspensa.

Porque se teria preocupado com tal coisa o bom prior de Siena? Simplesmente por isto:

S. Bernardino viveu na primeira metade do século XIII. Alarmado com o crescente número de duelos a punhal e a espada, o eclesiástico de Siena passou a condenar em público, nos seus sermões, o emprego das mortíferas lâminas. É que qualquer motivo fútil servia de pretexto aos duelistas, e de muitos conflitos à arma branca, as vítimas clamavam vingança, de que se encarregavam amigos e parentes.

S. Bernardino propunha então que as contendas se resolvessem a murro, forma de lutar muito menos molesta do que ser trespassado pela lâmina afiada de um punhal ou espada.

Reza ainda a lenda que os seus sermões tiveram eco no espírito dos mais ponderados cidadãos e após penoso labor a mocidade entusiasmou-se pelo processo, a tal ponto que se viam, nas praças pú-



No boxe pode também haver espírito desportivo. Eis um exemplo: o pugilista feliz, em que o pugilista brasileiro Guy Gracia ajudou o seu adversário, Joe Lucy, a livrar-se da crítica situação que lhe era ficado entalado nas cordas do ringue ou tombado para fora do

blicas, combates de soco, a resolver questões, que o próprio prior arbitrava!

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTE NÚMERO

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Falé, capa; 2. Ali, ova, lar; 3. Ias, Serafim; 4. Ror; 5. Em, ases; 6. Mi, agi, dor; 7. Elas, os; 8. Ido; 9. Matateu, Ta; 10. Ota, oil, ias; 11. Raro, Rola. **Verticais:** 1. Faia, amor; 2. Ala, ene, ata; 3. Lis, militar; 4. Ada; 5. Os, casoto; 6. Ave, eis; 7. Arraia, Ul; 8. Aos; 9. Alfredo, tio; 10. Pa, sós, aal. 11. Arma, Pisa.

Sabe que equipa é esta? — A selecção nacional militar que encetou a série de torneios internacionais em 1954, tendo vencido a Grécia, no desafio inaugural, por 1-4.

XADREZ — 1. Da 1 (chave magnífica!)

DAMES — 11-15, 20-2 (a); 12-16, 18-11; 10-13, 17-10; 1-5, 2-27; 16-20 e ganham. Se a) 18-2; 16-20, etc.



O que há na cabeça de Ambrois?

DUAS das maiores figuras do futebol sul-americano estão reunidas nesta curiosa foto: Ambrois e Nestor Rossi, respectivamente avançado e médio-centro das equipas do Uruguai e da Argentina.

Qual a curiosidade da imagem? Ambrois mostra a cabeça a Rossi. Terá ele a «tola» partida ou será dono de um simples «galo»? Assim parece, realmente, a avaliar pelo interesse com que o argentino olha para o seu adversário.

Final, o caso é bem mais simples: o desafio terminou... e à saída do rectângulo, Ambrois, ao felicitar o capitão da Argentina, disse para Rossi: «Vocês obrigaram-nos a suar até aos cabelos!...»

Verdade seja que a Argentina ganhou por 4-0!...

Sátira ao futebol na T. V.

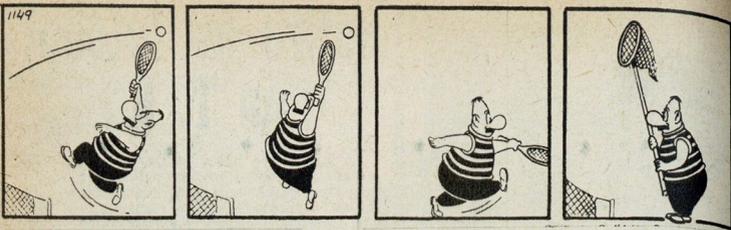
O futebol é tema obrigatório em mil e uma manifestações, e a Rádio e a TV não lhes desconhecem as influências...

Dois famosos cómicos italianos — Sérgio Tedesco e Marco Tullii — interpretam aqui, num episódio humorístico para os tele-espectadores de além-Alpes, as figuras impagáveis dos dois «furiosos» da bola...

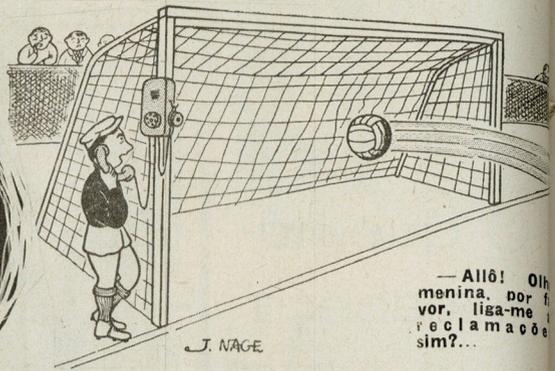


LER NO PRÓXIMO NÚMERO:

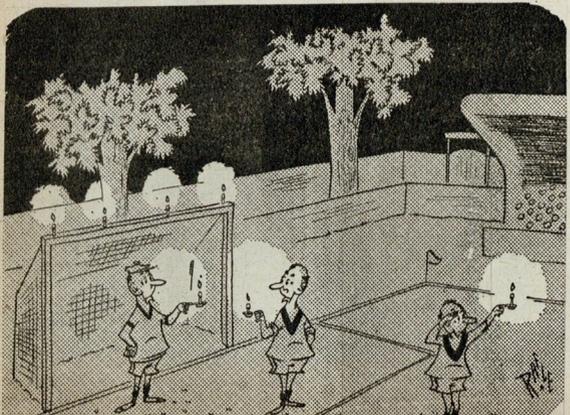
Entre dezenas de outros assuntos: O Sporting e o desporto nacional perderam mais do que ganharam com o castigo imposto a Passos (secção: Cara a Cara) * Hoje... as camisolas são diferentes * Quando os «ases do pedal» se voltam para o futebol... * A introdução do Futebol no Brasil * Cipriano, Emídio e Matos — três campeões do mundo! * Aguas fala do goló (secção: Diz quem sabe) * O Vitória Clube de Lisboa possui sede própria e aspira a muito mais * A atirar ao Arco nem os homens lhe ganham... * Travacos Jor. já sabe o caminho da baliza... * Peyroteo — o homem cujo nome deu origem a um verbo escreveu as suas memórias * Etc., etc.



HUMOR
NO
DESPORTO



— Allô! Olha
menina, por favor,
liga-me a reclamação
sim?...

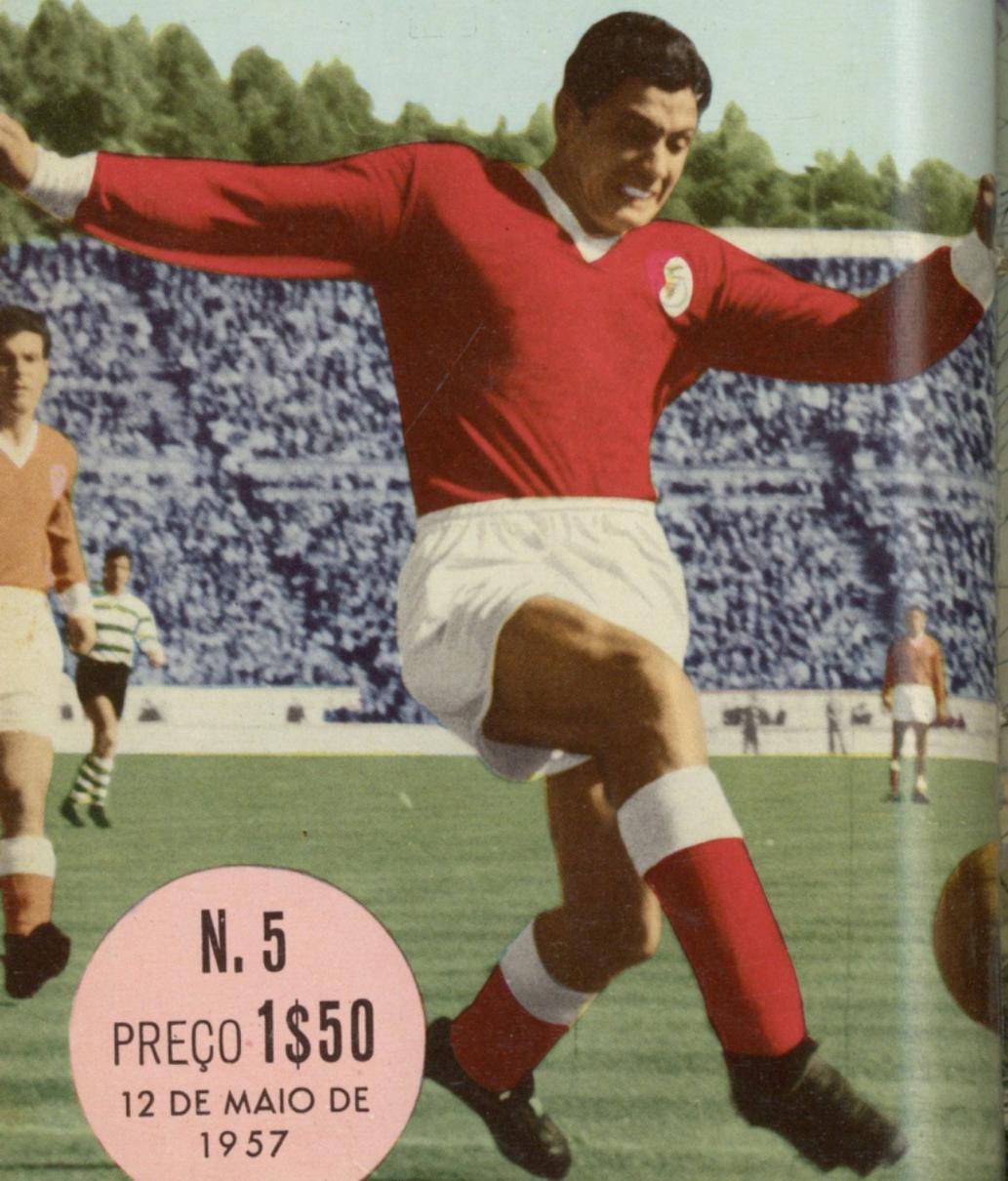


... Não acham
que o equipamento
deles é insuficiente para
jogos nocturnos?

Neste número

Do álbum de

FRANCISCO CALADO, Subcampeão de popularidade do BENFICA



N. 5

PREÇO 1\$50

**12 DE MAIO DE
1957**